

À procura de niQi

Naquela manhã de sol dourado, o Gang mais cool de sempre tinha combinado encontrar-se no parque da cidade. Era um hábito que tinham desde que se tornaram amigos e que nunca falhava. Juntavam-se para jogar às cartas, cantar, conversar, ler, dançar e comer. Às vezes até dormiam a sesta para ganharem energia para brincar. Mas aquele dia ia dar-lhes um desafio diferente. A Qêbê chegava sempre antes da hora e ficava aborrecida quando tinha de esperar pelos outros. E ali estava ela, uma bonita e elegante chávena sentada no banco do jardim a olhar para o relógio. Mas nunca mais chegou?, pensou. A QiQi chegou pouco depois, a saltitar. Era uma colher cheia de força e quase sempre direita. Quando se apercebia de que as costas estavam tortas, endireitava-as. Sempre que o fazia ficava muito orgulhosa, pois lembrava-se do que a mãe lhe dizia: QiQi, endireita as costas. Será verdade que os conselhos dos pais não se esquecem? Talvez. Eles já viveram muitas coisas. Quando encontrou a Qêbê, abraçou-a com força e perguntou-lhe:

– Olá, Qêbê. Tens aí alguma coisa que se coma?

– QiQi, ainda agora chegaste e já queres comer?

– É que a minha barriga está a fazer barulho desde que saí de casa. Olha, tens uma coisa vermelha na bochecha.

– Ah, pois, é uma marca de batom e com a pressa não tive tempo de limpar.

A Qêbê tirou uma bolacha da mochila e ofereceu à QiQi, que a comeu de seguida. Depois comeu outra e outra e outra e outra.

– Já chega de bolachas, depois não almoças.

– Pareces a minha mãe a falar. Só falta dizeres para eu...

– ...endireita as costas, QiQi! Mas será que eles ainda demoram?

No momento em que a Qêbê fez a pergunta, ouviu-se o som do *skate* do Qids. Era impossível não se ouvir. Ainda vinha longe, mas já todos sabiam que era ele. Trazia consigo uma energia contagiante, própria do seu espírito aventureiro. O som das rodas no alcatrão não deixava dúvidas. Era ele. E aí vinha, cada vez mais perto, a dar balanço com um pé e a equilibrar-se na tábua do *skate*, cheio de estilo e de atitude. O Qids era apaixonado por desportos radicais. Um dia, numa das reuniões do Gang Mais Cool de

Sempre, disse que já tinha andado de *skate* na superfície da Lua, e que era por isso que ela tinha buracos. Todos se riram, mas ninguém acreditou. O único que já se tinha aproximado da Lua era o Droni. Agora que me lembro, essa história até tem alguma piada. O Droni sonha muito quando está a dormir. Bom, e quando está acordado também. Ele contou-nos que, certa noite, sonhou que voava em direção ao espaço. Quando acordou, apercebeu-se de que já estava muito longe de casa, quase a tocar nas estrelas. Nunca te esqueças de sonhar (é o lema dele), e eu repito na minha cabeça porque me faz sorrir: nunca te esqueças de sonhar.

– Finalmente chegaste, Qids, já estava a ficar preocupada. – disse a Qêbê.

– Qids, eu já comi cinco bolachas. Cinco!

– Desculpem o atraso. É que no caminho descobri um sítio incrível para dar uns saltos de *skate*. Onde estão o Droni e o niQi?

– O Droni enviou-me uma mensagem a dizer que tinha adormecido. – disse a Qêbê com um ar de desilusão.

– Voltou a sonhar que voava até às estrelas?

– Parece que sim.

– Eu já andei de *skate* na superfície da Lua. Querem saber como foi?

– Qids, já conhecemos essa história e não acreditamos nela – a Qêbê e a QiQi responderam em coro.

– O que tens na cara, Qêbê?

– É batom.

– E o niQi? É sempre dos primeiros.

– Já deve estar a chegar.

No entanto, quem chegou foi o Droni. Vinha acelerado e parecia muito cansado. Assim que aterrou no banco, disse:

– Vocês não vão acreditar. Mas esperem, tenho de descansar as asas.

– Tem calma e respira. O que aconteceu? – perguntou a Qêbê.

Estavam todos preocupados com o Droni. Seria mais um dos seus sonhos ou seria algo mais? E o niQi, qual a razão de nunca mais chegar?

– O niQi desapareceu.

Ficaram todos surpreendidos e assustados com o que o Droni acabava de anunciar. Durante uns minutos, ninguém disse uma palavra.

– Passei por casa dele para virmos juntos, mas ele não estava e então falei com a mãe, que disse que ele tinha ido passear e que ainda não tinha voltado. Voei um pouco pela zona, para ver se o via, mas nada. E a mãe do NiQi está preocupada porque ele é muito distraído.

– Nós sabemos que ele é cabeça nas nuvens, mas também é inteligente, não é? – a Qêbê sentia necessidade de defender o amigo. Mas tinha razão e todos concordavam com ela. O niQi era um unicórnio muito inteligente, apesar de estar sempre com a cabeça na Lua. Fazia lembrar os sonhos do Droni.

– E se imprimirmos a fotografia dele e perguntarmos se alguém o viu? O que acham? – a ideia foi da QiQi e todos concordaram.

O Gang Mais Cool de Sempre não podia estar assim, incompleto. O niQi era um amigo muito importante para todos e podia estar a precisar de ajuda. Então, os quatro amigos uniram forças, imprimiram a fotografia do niQi e começaram a mostrá-la por onde passavam. Falaram com gaivotas, pombos, cisnes, sapos, ratos, lagartos, esquilos, mas ninguém parecia ter visto um unicórnio. Aliás, quase todos eles diziam que nunca tinham visto um em toda a vida. Mas ele existe, diziam os amigos do Gang Mais Cool de Sempre, o niQi é nosso amigo e existe.

– Conheço alguém que nos pode ajudar – lembrou-se o Qids – há um sapo a quem eu ensino alguns truques de *skate* de vez em quando. Ele sabe sempre tudo sobre toda a gente. É linguarudo!

– Podias ter-te lembrado disso mais cedo, Qids – disseram em coro.

Os quatro amigos foram à procura do sapo, que se chamava Qevin. Era muito atento e ouvia tudo o que diziam. Talvez por isso soubesse tantas coisas. Quando o encontraram, estava sentado à mesa do café, a comer um prato de moscas e a ouvir a conversa da mesa do lado. Qids, como o conhecia bem, aproximou-se.

– Qevin, o sapo linguarudo. Como estás? Precisamos da tua ajuda.

– Qids, olha quem é ele, o maior do skate. De que precisam?

– Um amigo nosso desapareceu. Chama-se niQi.

– Como é que ele é?

– Temos aqui uma fotografia. É um unicórnio, está sempre distraído, mas é muito inteligente.

– Os unicórnios não existem. – respondeu a rir o sapo Qevin, enquanto comia uma mosca.

– O niQi existe e é nosso amigo! – gritaram todos ao mesmo tempo.

– Acalmem-se. Agora que falam nisso, lembrei-me de uma coisa. Pode não ser nada, mas hoje ouvi aqui alguém a contar uma história. Dizia que esta manhã tinha bebido um café com as cores do arco-íris. E quando lhe perguntaram como é que isso era possível, ele respondeu que tinha sido feito por um unicórnio. Mas não sei se é verdade, porque os unicórnios não...

– ...existem, sim! Aliás, existe um, que é o niQi. E esse café foi visto onde?

– Na fábrica do café.

Mas isso é mesmo junto à casa do niQi, pensou a Qêbê, e disse:

– É para lá que vamos!

Os amigos do Gang Mais Cool de Sempre estavam desconfiados de que pudessem estar a usar o niQi para fazerem que o café saísse com as cores do arco-íris, pois só ele era capaz de tal magia. Quando o niQi tocava em alguma coisa, essa coisa ganhava cor. Era como se ele fosse capaz de pintar o mundo inteiro, e era também por isso que a amizade se tornara tão importante, porque a sua função era colorir a vida de cada um.

Despediram-se do sapo Qevin linguarudo e foram em direção à fábrica de café. Lá, o cheiro era maravilhoso. Os 4 amigos estavam deliciados. Quando chegaram, tocaram à campainha. Do lado de lá, perguntaram:

– Sim?

– Bom dia. Por acaso não viram por aí um amigo nosso? É um unicórnio e chama-se niQi – quem falou foi a Qêbê, a porta-voz do grupo.

Do outro lado ouviram-se risos. E a Qêbê, muito decidida, acrescentou:

– Não me vai dizer que os unicórnios não existem, ou vai?

– Entrem – responderam do lado de lá.

Todos ficaram surpresos com aquela resposta. A Qêbê, a QiQi, o Qids e o Droni estavam prestes a entrar na maravilhosa fábrica do café. Os portões abriram e eles avançaram com algum receio, pois não sabiam o que os esperava. Era uma fábrica muito grande e havia muita gente a trabalhar ali. À medida que caminhavam, o cheiro intensificava-se. Depois, um homem muito alto recebeu-os.

– Soube que estão à procura do niQi. É verdade?

– Mas o senhor conhece-o?

– Ora, claro que sim. Venham comigo.

Os amigos seguiram o homem. Era tão alto que só podia ser cabeça nas nuvens, como o niQi. Chegaram finalmente a uma zona da fábrica diferente. O letreiro dizia **CAFÉ COLORIDO – PROIBIDA A ENTRADA A ESTRANHOS**. E, apesar dessas palavras, o homem muito alto convidou-os a entrar. Era um espaço enorme, onde cabiam muitas coisas. Havia máquinas carregadas de milhões de grãos de café.

– Isto, sim, é um sonho – disse o Droni.

– Estas máquinas servem para torrar o café – explicou o homem muito alto. – Ele fica assim castanho. Depois, o vosso amigo faz a magia, pintando-o com as cores do arco-íris.

E foi nesse momento que encontraram o niQi. Estava sorridente e a cantar, distraído como só ele podia, enquanto transformava os grãos castanhos em grãos coloridos. Quando se apercebeu da presença dos amigos, o niQi ficou pasmado e disse:

– Que fazem aqui? O nosso encontro é só amanhã.

– Não, niQi, era hoje e tu não apareceste! – gritaram em coro.

– Era hoje? Maldito chifre o meu.

– O que fazes tu aqui? Nunca nos contaste que tinhas um emprego. – perguntou o Qids.

– Não é um emprego. Fui eu que pedi ao homem muito alto para colorir o café. Gosto muito de estar aqui e este cheiro é a minha perdição.

– niQi, mas ainda tens tempo para o encontro do Gang Mais Cool de Sempre. O café não acaba hoje. – disse o homem muito alto.

– Acho que o encontro é só amanhã.

– É hoje! – disseram-lhe os amigos, enquanto riam.

– Eu sei, estou a brincar. – respondeu o niQi.